 **SOS PRISÕES**

**Ex.mos. Senhores**

**Provedor de Justiça; Inspecção-Geral dos Serviços de Justiça; Ministro da Justiça; Procurador-geral da República**

**C/c**

**Presidente da República; Presidente da Assembleia da República; Presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias da A.R.; Presidente da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados; Comissão Nacional para os Direitos Humanos**

**Lisboa, 16-06-2013**

**N.Refª n.º 93/apd/13**

**Assunto**: Mais um caso de tortura no EP Lisboa

*“Caros Srs.*
*Sou mãe de um jovem, que se encontra detido no Estabelecimento Prisional de Lisboa, desde o passado dia 3 de abril, em prisão preventiva. O recluso em causa é o Tomas Silva Matos Arroja, com o nº 385 e encontra-se na ALA E.*
*Hoje, sábado dia 15 de junho fui visitar o meu filho, à visita das 16 horas e estranhei ele não vir à sala.*
*O guarda perguntou-me o nome dele e passados alguns minutos, veio ter comigo, para me dizer que o tinham ido chamar.*
*Pelas 16,15h, chegou o Tomas, com ar combalido e contou-me que tinha estado a ser espancado por vários guardas maioritariamente pelo guarda Sousa e guarda Branco,  porque queriam que ele denunciasse uma agressão de que foi alvo o companheiro de cela.*
*A história é a seguinte:*
*de manhã, depois do pequeno-almoço, o meu filho encontrava-se na cela, com o companheiro e chegaram 5 reclusos que pediram ao Tomas que saísse porque queriam falar com o outro. O Tomas saiu e manteve-se afastado no corredor. Quando viu os outros saírem, entrou na cela e viu o companheiro prostrado no chão, cheio de sangue porque tinha sido agredido pelos outros 5 reclusos.*
*Foi chamar os guardas que levaram o ferido para o posto médico, e por ele não querer denunciar os agressores, os guardas regressaram e interrogaram o Tomas sobre a identidade dos agressores, ao que ele respondeu não saber quem eram.*
Como não obtiveram a resposta que queriam levaram o Tomas para a cela 80, chamada "cela de tortura" e voltaram a questioná-lo sobre a identidade dos agressores. Como ele não disse quem eram - em parte porque não sabe, não conhece todos os reclusos, mas por outro lado, mesmo que soubesse, não iria identifica-los com medo de represálias, começaram a espancá-lo, com socos e pontapés, durante várias horas.
As agressões são maioritariamente nas costas  e na região lombar, para não serem perceptíveis. Todavia trazia escoriações nos braços, que não pude registar porque não é permitido a entrada de máquinas de fotografar.
Quero registar esta agressão junto da ACID, por achar que não há direito que os guardas agridam alguem, simplesmente porque não sabe, e estava na cela errada à hora errada. Se a principal vitima não quer denunciar, com que direito os guardas agridem o recluso que não participou, não viu e mesmo que, se por acaso, soubesse quem era, tem a legitimidade de ter medo de represálias.
 Quantos reclusos são mortos por outros reclusos dentro das prisões?
Como mãe, saí de lá hoje com o coração nas mãos, por não saber se as agressões iriam continuar. O Tomás estava em pânico com medo de quando acabasse a visita, os guardas continuassem a espancá-lo.
É neste sentido que redijo esta missiva, já informei a advogada do sucedido, mas tanto ela como eu sabemos, que sem provas, dificilmente, estes guardas serão chamados a responder pela brutalidade. Será sempre a palavra deles contra o recluso e haverá muitos casos que são encobertos porque eles (os guardas) dizem que os ferimentos resultam de brigas entre reclusos.
Todavia fica aqui o meu relato dos acontecimentos, mais que não seja, para terem conhecimento dos maus tratos que os reclusos sofrem nas prisões, com agressões infringidas pelos guardas. Há também o medo de, ao saberem da denúncia, os próprios guardas exerçam represálias ao recluso.
Esperando este assunto merecer a vossa atenção, fico a aguardar que tomem nota de mais este caso, da melhor forma possível.

Com os melhores cumprimentos,
Isabel Brua.”

Segundo o Comité de Prevenção da Tortura do Conselho da Europa, no seu último relatório, em Portugal os processos de averiguações sobre casos de tortura costumam ficar vazios. Não por não ser possível apurar factos. Mas porque nenhum esforço é feito para os apurar. A ACED insta as autoridades responsáveis para utilizarem este caso – como todos os outros – para mudar essa tradição.

A Direcção